

REVISTA TRICERATA

ISSN: 2675-9349

Nº 04 Abril, 2021

Clockpunk



ÍNDICE

- 04 EDITORIAL
- 07 ENTREVISTA
Com a escritora Yohanne Zamboti
- 10 CLOCKPUNK
Por Victor Vargas
- 16 CONTO "A SILENCIOSA RUÍNA SELVAGEM"
Gutenberg Löwe
- 20 CONTO "LOJINHA DE CONVENIÊNCIA DA MORTE"
Sandra de Castro
- 22 CONTO "HORROR FILOSÓFICO"
Ronaldo Ruiz Galdino
- 26 CONTO " TERREIRO DIGITAL"
Xico Sete
- 30 NOVIDADES E LANÇAMENTOS



EDITORIA CYBERUS



REVISTA TRICERATA

EDITORIAL

A Revista Tricerata chegou!

Uma revista bimensal exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. A revista traz o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora.

Esta quarta edição traz uma entrevista inédita com a escritora Zamboti, que teve o conto selecionado para a antologia “Cidades Infinitas”, quatro contos e uma matéria sobre clockpunk.

Maurício Coelho
Editor-chefe

A Revista Tricerata é uma publicação independente.
Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora.
Acesse pelas imagens abaixo:



EXPEDIENTE

Fundador e editor-chefe:

Maurício Coelho

Equipe editorial:

Lucas “Havoc” Suzigan e Marinilce Oliveira Coelho

REVISTA TRICERATA

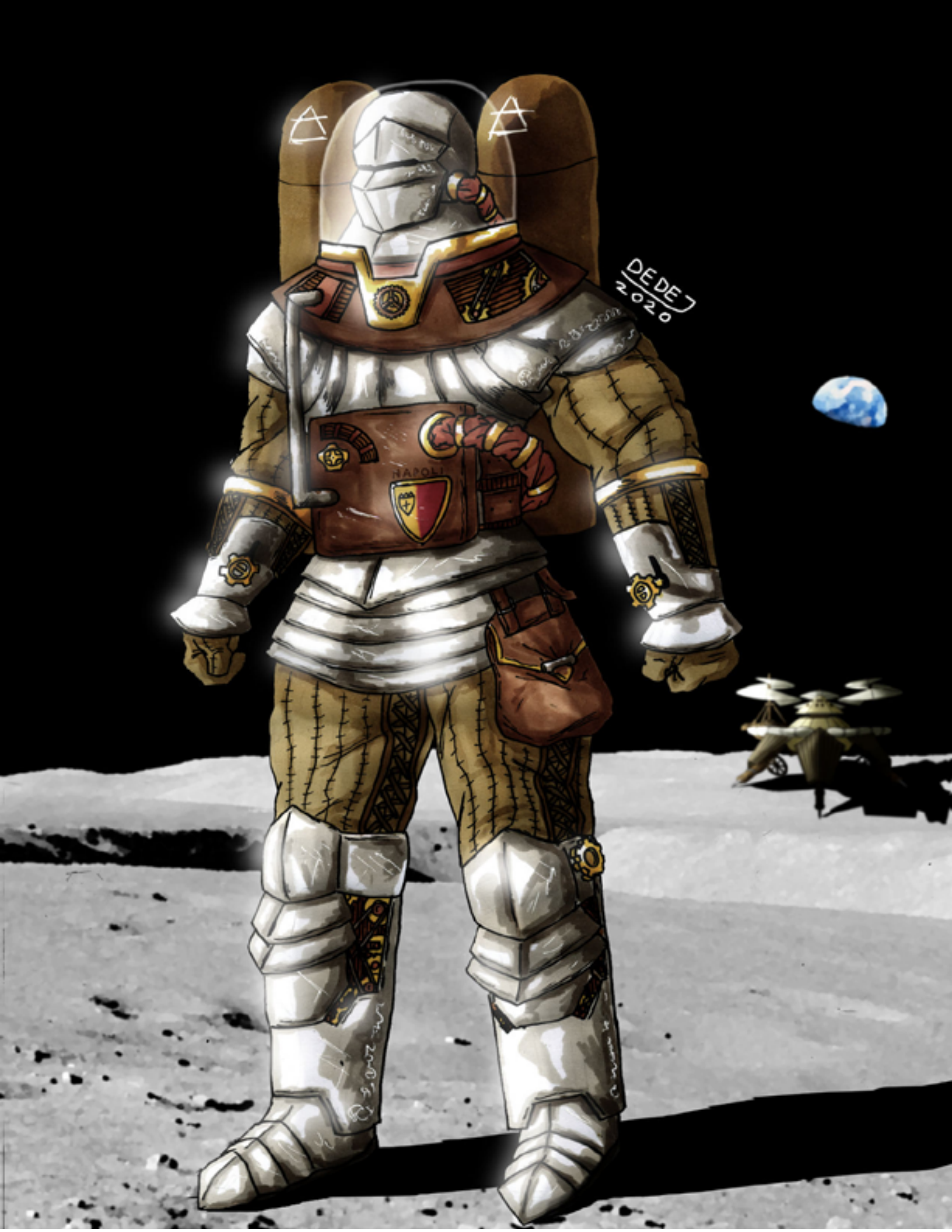
Capa:

Maurício Coelho

Design e diagramação:

Ana Ferreira

Todas as imagens utilizadas nesta revista são imagens livres de direito.



DEDEJ
2020

NAPOLI

ENTREVISTA COM A ESCRITORA YOHANNE ZAMBOTI



1- Então, começa te apresentando e contando pra gente como surgiu teu desejo pela escrita?

Eu sou Yohanne Zamboti, tenho agora 30 anos, sou psicóloga, nasci e cresci na cidade do interior do Espírito Santo, Ibitirama, que foi onde eu vivi a maior parte da minha vida. Eu comecei a escrever poesias no ensino médio, umas coisas bobas em cadernos e agendas, depois de um tempo eu comecei a escrever mais a sério, tanto que na época da faculdade eu criei um blog pra postar meus poemas e crônicas. Nessa mesma época, lá pra 2011 eu conheci o coletivo Sociedade

dos Poetas por Vir (SPPV) através de um amigo da faculdade e me tornei próxima do cofundador, André Café. Na SPPV a gente publicava nossos poemas em um blog e também no grupo do Facebook. Com o tempo eu acabei me afastando do coletivo, inclusive parei de escrever, e só voltei mais tarde quando voltei a ler fanfics e assim comecei a escrever minhas próprias ficções de fãs. Em 2020 em entrei pra outro coletivo, dessa vez em forma de podcast colaborativo, o Estação 21, e lá nós criamos um clube de fanfics, dentro desse clube eu tive contato com mais escritores de fic e também de contos originais. Esse é meu primeiro

conto original a ser publicado, mas estou num ritmo de produtividade muito bom graças a esses coletivos e pessoas incríveis. Eu também me reconectei com a SPPV esse ano, e vamos publicar uma antologia de poemas em breve.

2- Como tu divulgas tuas obras?

Como disse anteriormente, eu tinha um blog de poesias que atualmente está parado, mas eu costumo divulgar nos podcasts que eu faço parte e nas minhas redes sociais. A gente tem sempre um momento jabá no final dos episódios pra poder divulgar os outros trabalhos dos membros.

3- Podes falar um pouco sobre o seu conto selecionado para a antologia “Cidades Infinitas”? Do que se trata?

Meu conto para “Cidades Infinitas” é sobre encontrar conforto nas coisas mais absurdas. Ele conta a história de uma garota que foi pra cidade grande, mas se sente muito sozinha, a vida é corrida, a cidade é grande e as vezes absorve a gente. Nesse lugar ela encontra uma companhia inesperada e se envolve nesse relacionamento. A fantasia está presente justamente na origem dessa companhia e em como elas se conhecem.

Trata-se de uma história sobre encontrar amor nos lugares mais inesperados.

4- Como surgiu a inspiração para o conto?

Eu morei durante um ano em Vitória, ES, lá eu morava num alojamento com outras 7 meninas, existia um grande consenso que o nosso quarto era assombrado, desde que eu decidi me inscrever pro edital do “Cidades Infinitas” eu sabia que esse seria o ambiente perfeito pra escrever uma história sobre fantasma e encontros.

5- Algum conselho para quem quer escrever fantasia urbana?

Eu diria que o maior conselho seria: escreva. Por mais clichê que seja, a única forma de você poder escrever coisas das quais nunca experimentou é tentando. Até os 20 anos eu não tinha escrito nada além de poesias, até os 28 nunca tinha escrito um romance, e até os 30 nunca tinha escrito sequer fantasia fora do universo de ficção de fãs. Aventure-se em novos gêneros, cerque-se de pessoas que apoiam seu trabalho, escreva sem parar, leia bastante e não tenha medo. Uma hora vai.





CLOCKPUNK



Imagem: Supercharged Cristina Twitter: @realcristinaaa

INTRODUÇÃO

Eleanor fugia pelas ruas estreitas da cidade de prata. O vestido longo a impedia de ser mais ágil e era tão pesado quanto sua respiração se tornava, seus músculos já não a obedeciam. O gigante de metal que corria ao seu lado parecia não ter o mesmo problema, então, por fim, quando ele estendeu a mão, ela despejou seu peso sobre ele. Eleanor sentiu seus nervos relaxarem sob o cobre frio que servia de pele para Yalahar. A vibração das molas, se flexionando abaixo do revestimento metálico dele, a faziam relaxar como uma

melodia de ninar. Aquele que a socorria havia sido moldado como qualquer outro autômato, inexpressivo, mas Eleanor percebeu a proteção na forma com ele a tomou nos braços e notou a obstinação vívida em seus olhos vítreos. Lembrou-se das palavras do alquimista. “Tem algo de errado com seu servo mecânico, algo que não consigo entender e isso me causa medo.” Eleanor fechou os olhos, se sentia segura pela primeira vez em muito tempo, havia deixado o medo para trás, junto ao corpo sem vida do alquimista.

Vitor Vargas

CLOCKPUNK é um subgênero de ficção especulativa que retrata uma tecnologia com *design* pré-moderno, baseada em molas e mecanismos de relógio levadas ao seu máximo potencial, antes da invenção da máquina a vapor e geralmente ambientada durante o Renascimento. Nesse cenário a tecnologia é abusada pelas pessoas no poder e os heróis, ou anti-heróis, vivem à margem do sistema, desenvolvendo seus próprios equipamentos (sujos e com um *design* pobre), não se restringindo a dependências de governos estabelecidos, que normalmente atuam como antagonistas da trama.

Uma história Clockpunk pode ser uma aventura com *gadgets* mecânicos, dirigíveis, autômatos que ganham consciência e/ou sentimentos, um enigma geométrico, artefatos mecânicos, mistérios astronômicos, dramas sociais, mosqueteiros, piratas, mecânicos, alquimistas, etc. Quando se trata de escrever uma história qualquer, você não precisa definir limites, mas se for escrever uma história Clockpunk é importante se ater a estética do gênero.

O CONCEITO PUNK

O Punk nasceu num período turbulento da Inglaterra dos anos 1970, mas se tornou uma expressão juvenil que trazia propostas e posturas anárquicas, alinhadas à contestação

do sistema e revoltas contra as ordens institucionalizadas. Da mesma forma, os cenários Punk trazem elementos que buscam subverter o sistema opressor, usando o passado para estabelecer comparações diretas com o nosso presente.

Para se entender o conceito de Clockpunk é necessário saber onde ele está inserido dentro da literatura retrofuturista. Nascido como um dos vários derivados do Cyberpunk, hoje o Clockpunk já é reconhecido como um subgênero distinto dentro da ficção especulativa. Assim como qualquer outro “Punk”, adota em suas histórias certos elementos de subversão social, quase sempre refletindo a decadência humana na sociedade. O Clockpunk, porém, não é só mais uma entre as miríades de subgêneros abaixo do Cyberpunk a utilizar-se desses recursos.

CLOCKPUNK X STEAMPUNK

Apesar de ter sido tratado por muitos como um mundo Steampunk onde a máquina a vapor simplesmente não funcionou, historicamente o Clockpunk se encaixaria numa era pré-steampunk, onde a energia motriz no qual o cenário orbita é baseada em mecanismos de corda, molas em espiral, material elástico, âncoras, temporizadores, escapamentos, engrenagens, sistemas hidráulicos com óleo ou água, etc. Daí

vemo “Clock” do termo, afinal todos esses mecanismos podem ser encontrados em um relógio mecânico ou de corda.

O cenário Clockpunk não se resume apenas a tecnologia do mundo retratado, mas também a estética na qual esse universo está inserido. Filosofia, enigmas, matemática e artes são elementos importantes a serem abordados. Como um cenário pré-steampunk, o Clockpunk bebe bastante das crenças e costumes empregados na era renascentista e no movimento barroco, especialmente em países como Inglaterra, Itália e Espanha, bastante caracterizadas pelos seus feitos nas artes (sempre carregadas de um esplendor exuberante), na filosofia, nas ciências (cultas e ocultas) e também pelos ditatoriais dogmas católicos e as inúmeras religiões de mistérios.

Apesar dessa explicação, não é tão simples separar o Clockpunk do Steampunk, visto que em muitos elementos eles acabam se complementando. Dessa forma, entende-se que é possível ter elementos Steampunk num cenário Clockpunk e vice-versa, sem a necessidade de mudar a estética. O importante nesse caso, é deixar claro qual a principal fonte de energia no cenário, mecanismos de corda para Clockpunk e máquinas a vapor para Steampunk.

A inclusão de elementos fantásticos dentro da narrativa não ocorre igualmente entre os gêneros, cada

qual possuindo traços individuais que os diferenciam, não prioritariamente isso também considera a sexualidade dos personagens abordados, utilizando-se normalmente feiticeiras para o Steampunk e alquimistas para o Clockpunk.

A ORIGEM DO TERMO

Embora algumas obras consideradas do gênero tenham sido publicadas a partir dos anos 1960, sua definição surgiu apenas em dezembro de 2001. O termo Clockpunk, assim como diversos outros termos da literatura retrofuturista, nasceu dentro do RPG, mais especificamente no cenário GURPS. Conhecido como um dos sistemas de RPG mais complexos quanto se pode imaginar, o GURPS pode ser usado para jogar em qualquer cenário histórico ou ficcional, da idade da pedra até o futuro distante, passando por quase todo tipo de realidade fantástica imaginável.

Dentro do GURPS, o Clockpunk possui sua própria linha do tempo, definida entre os séculos XIV e XIX, desde a criação da primeira impressora mecânica até o surgimento da primeira máquina a vapor. Este é um mundo de alquimistas, soldados robôs centauroides, carruagens a motor de corda e muitos outros dispositivos mecânicos.

O plano de Mechanus, canônico

no multiverso do famoso sistema de RPG *Dungeons & Dragons*, também faz referência ao Clockpunk. Nele somos apresentados a uma imensidão de engrenagens que giram de acordo com um cálculo matemático desconhecido, habitado por autômatos conhecidos como Modrons, que possuem uma consciência coletiva e são divididos em hierarquias baseadas em suas formas geométricas.

INSPIRAÇÕES

Assim como no Teslapunk, muita das abordagens utilizadas dentro do cenário Clockpunk são inspiradas nas vidas de personagens históricos como: Paracelso, Salomão Trismosin, Dionisius Zacharias, Peter Henlein, Hans e Zacharias Janssen, Michelangelo, Donatello, Galileu Galilei, Isaac Newton, Giordano Bruno, Nicolau Copérnico, Nicolau Maquiavel, William Shakespeare, Lorenzo de Médici e Dante Alighieri. Entretanto, nenhum desses nomes possui tanta relevância quanto o gênio renascentista Leonardo da Vinci.

Leonardo da Vinci foi criador do 1º robô da história, em 1495, com um sistema robótico que era operado por uma série de roldanas e cabos. O Cavaleiro Mecânico, como era conhecido, possuía o *design* de uma armadura medieval alemã-italiana, capaz de fazer vários movimentos parecidos com humanos, e foi resultado da pesquisa anatômica

de Leonardo no cânone das proporções, conforme descrito no Homem Vitruviano.

Entende-se que naqueles tempos as fronteiras da ciência eram indefinidas, foi uma época de descobertas tanto no campo da engenharia quanto no campo da medicina e onde a alquimia e astronomia eram fortemente abordadas como ciências comuns.



Se considerarmos a linha do tempo descrita no GURPS, podemos nomear alguns temas históricos que podem ser abordados no Clockpunk, mesmo que a trama seja levada para fora desse tempo, por exemplo:

- A Guerra dos cem anos
- A Peste Negra
- A Ordem dos Templários
- O Renascimento
- A Revolução Industrial
- A era das navegações

- O surgimento de bancos públicos e hospitais psiquiátricos
- A Revolta protestante
- O Iluminismo
- A Inquisição
- Invenções, Teorias e Descobertas

Brian Selznick; *The Mechanical*, de Ian Tregillis; os livros da série *Clockwork Earth*, de Jay Lake; os livros da série *Clockpunk Wizard*, de Lita Burke; e *Whitechapel Gods*, romance de estreia de Shawn Peters.

No Brasil você pode encontrar um conto *Clockpunk* escrito pela autora Ana Cristina Rodrigues, na antologia *Retrofuturismo*, da Tarja Editorial.

REFERÊNCIAS

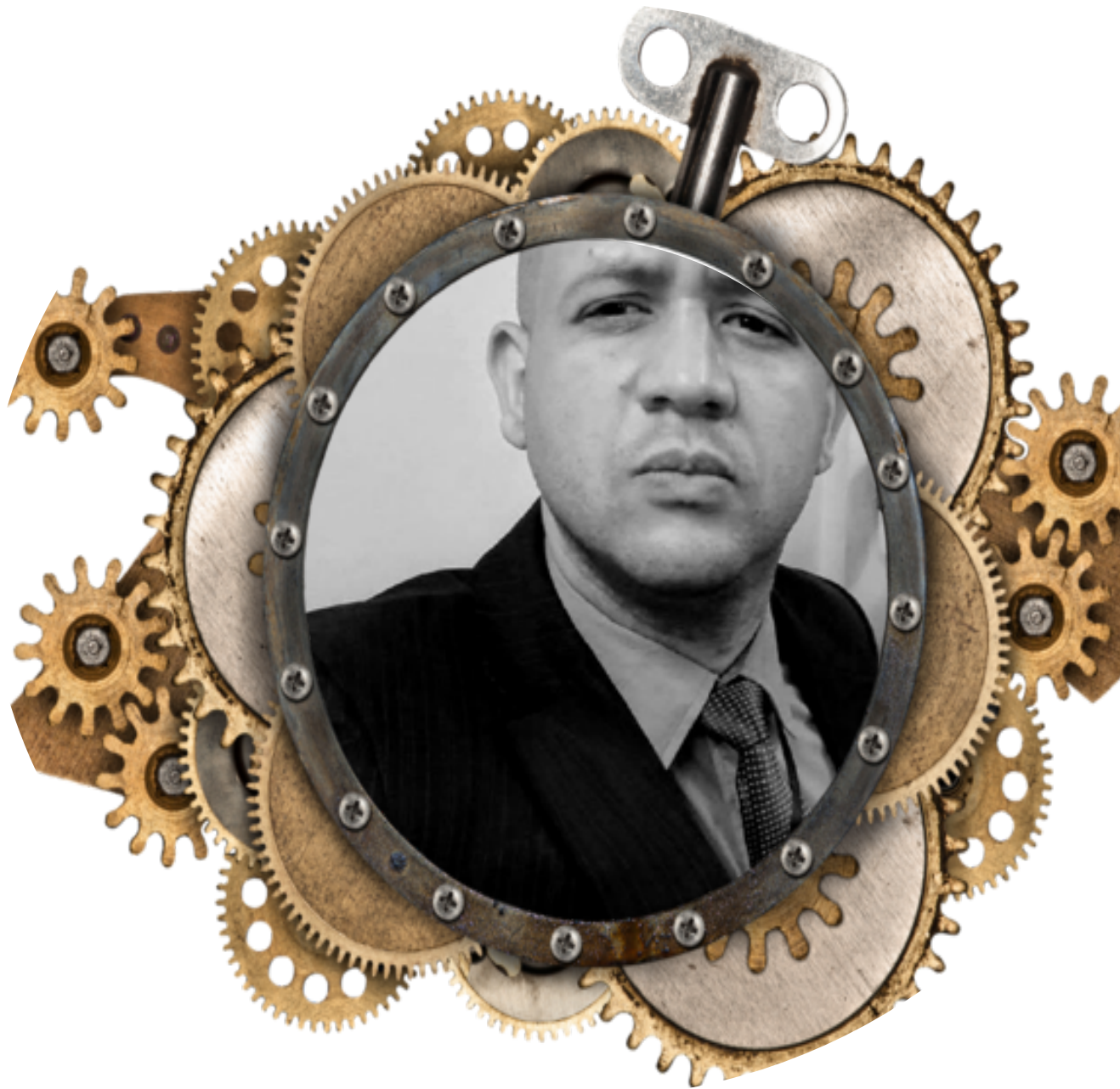
O *Clockpunk* ainda é um gênero pouco explorado, principalmente em língua portuguesa, mas possui algumas obras importantes dentro da ficção especulativa.

Na mídia audiovisual podemos destacar os filmes: ‘*Taxandria*’, de 1994; ‘*Os Três Mosqueteiros*’ e ‘*A Invenção de Hugo Cabret*’, ambos de 2011. Os filmes ‘*Hellboy*’ e ‘*Hellboy II: O Exército Dourado*’, de 2004 e 2008, que apesar de se passarem no presente, possuem elementos *Clockpunk*. A série ‘*Da Vinci's Demons*’, de 2013, e a série ‘*Zero Hour*’, também de 2013, que apesar de se passar no presente possui elementos *Clockpunk*. No mundo das animações temos como exemplo ‘*As Misteriosas Cidades de Ouro*’, de 1982.

No mundo dos games os maiores exemplos incluem os jogos ‘*Thief: The Dark Project*’, ‘*Syberia*’, ‘*Resonance of Fate*’ e ‘*Assassins Creed 2*’.

Na literatura é onde temos os maiores exemplos de *Clockpunk* com o livro *The Invention of Hugo Cabret*, de

*Como dica pessoal eu deixo o livro *Alquimia da Pedra*, da autora russa Ekaterina Sedia. Esse livro foi mal categorizado como um Steampunk, provavelmente por esse ser um gênero mais popular, porém ele é totalmente Clockpunk. 'Alquimia da Pedra' conta a história de Mattie, uma androide alquimista que vive numa cidade dividida entre duas facções políticas - os Mecânicos e os Alquimistas. Com o rosto de porcelana e um coração movido à corda, ao se tornar uma alquimista ela foi emancipada por seu criador e contratada pelas Gárgulas, que foram as fundadoras e protetoras da cidade, para criar um elixir que transforme em carne seus corpos de pedra. A relação entre Mattie, estes estranhos personagens, e seu criador, trará à tona temas como adaptação, discriminação racial e sexual, liberdade, amor e morte, numa obra que transcende a fantasia e a ficção.*



VITOR VARGAS é escritor, blogueiro e RPGista gonçalense, estudante de Processos Gerenciais pela UFF. Desde 2009 compartilha suas histórias através de seu blog e em plataformas digitais de publicação. Apesar do horror lovecraftiano ocupar um espaço de destaque em seus textos, o autor também se dedica a explorar outros gêneros literários.

A SILENCIOSA RUÍNA SELVAGEM

Gutenberg Löwe

Sob o véu de uma escura noite sem lua, os caçadores seguiam sem notarem que eram caçados. Suas matilhas de drones leves, robôs que imitavam cachorros-selvagens, se espalhavam ao redor deles que se aproximavam de um pouso de elefantes.

Atrás deles estavam Bintu e seu próprio drone, um grande leopardo, feito para a furtividade, assim como sua armadura de combate. Em ambos os casos um sistema de camuflagem óptica tornava a dupla invisível a olho nu. Porém, seguiam devagar, os dedos de Bintu apertados contra seu rifle de assalto silenciado.

Bintu havia descoberto aquele grupo mais cedo naquela noite. Ela patrulhava, explorando os pontos mais distantes da savana africana quando captou sinais de rádio que diferiam dos usados pela Fundação Internacional Anti-caça para monitorar os animais. Bintu contactou a central de operações de sua unidade Akashinga, patrulheiras responsáveis por combater caçadores.

— Operadora, aqui é Ingwe 23.

— Na escuta, Ingwe.

— Captei um sinal estranho na minha região. Enviando.

Enquanto os dados eram transferidos, Bintu desviava-se para a direção em que o sinal era mais forte. A soldado despachou seu drone leopardo à frente, abrindo no visor frontal de seu capacete a visão das câmeras nos olhos da fera metálica.

— Iniciando análise — disse a operadora quase em um sussurro. Bintu mandou um sinal de OK e continuou na sua busca.

O leopardo avançava há quase um quilômetro à frente de sua parceira humana. Seus sensores captavam as ondas de rádio, mas ainda não havia nenhuma confirmação visual de sua fonte.

Então o primeiro cachorro-selvagem apareceu.

Bintu achou que era orgânico até o instante em que um rápido reflexo de vermelho cruzou os olhos da criatura. Ela prendeu a respiração, por um instante, e outros pares de olhos vermelhos surgiram em meio ao mato alto. O leopardo parou imediatamente, agachando-se para manter sua presença escondida.

Caçadores, ecoou na mente de Bintu.

Em uma contagem rápida, descobriu pelo menos vinte drones naquela região. Duas matilhas inteiras daqueles robôs baratos que eram usados para perseguir e ferir animais.

O aperto em seu rifle tornou-se maior. Desde que entrou para as fileiras das Akashinga, Bintu nunca tinha visto um grupo tão grande.

— Ingwe, seus sinais derivam de drones clandestinos — disse a operadora.

— Caçadores se encaminhando para uma zona de pouso — confirmou Bintu.
— Já tenho visão. Reforços?

— A unidade de assalto mais próxima chegará em 30 minutos, Ingwe.

Trinta minutos? Ela não teria nem mesmo cinco com aquela quantidade de drones inimigos.

— Não engaje em combate, Ingwe.

Uma raiva ácida que brotava do estômago incomodou Bintu. Sempre pensava nos caçadores como versões de seu pai, um soldador aeroespacial mais bêbado do que empregado. Ele costumava bater nela durante os longos turnos em órbita da esposa, Dalji. Era o emprego dela na fábrica que sustentava a família abaixo do elevador orbital de Lagos.

Quando teve oportunidade de fugir, Bintu juntou suas roupas e caiu no mundo. Após algum tempo viu-se recrutada pelas Akashinga. Depois do inferno vivido em casa, as cruzeiras e exigências do treinamento para tornar-se patrulheira foram brincadeira.

Então quando recebeu sua armadura, decidiu que poria fim aos valentões que achavam que podiam fazer o que quisessem.

— Repito, Ingwe: não en...

Se a operadora disse mais alguma coisa, Bintu nunca escutou. Ela seguiu adiante e entrou na zona de embaralhamento dos cachorros-selvagens. Aquela era outra razão pela qual os caçadores usavam-nos: suas caudas tinham sistemas que, em conjunto, eram capazes de bloquear comunicações de longa distância. O elo entre Bintu e seu leopardo não seria afetado, mas ela estaria sozinha até a chegada da equipe de assalto.

Contudo, Bintu não poderia esperar por suas companheiras. Ela ainda não encontrara nenhum dos caçadores, mas, pela quantidade de drones, seria um grupo grande. Pessoas mais do que suficientes para causarem mal aos animais.

Por isso a patrulheira começou a segui-los e, em um ataque conjunto com seu leopardo, abater os cachorros-selvagens mais desgarrados da matilha. Com os disparos silenciados, o ruído era um estalo metálico quando o projétil perfurava suas cabeças. Se seu drone fazia mais barulho ao abater suas vítimas, Bintu não teve resposta dos caçadores. O importante era que ela conseguisse diminuir tanto a distância quanto a quantidade de robôs inimigos a cada investida.

— Merda! — disse Bintu, baixinho ao encontrar os caçadores.

Eram pouco mais de dez homens com outras duas ou três matilhas ao seu redor. Aquilo por si só era horrível, entretanto, foi uma figura central entre eles que motivou seu praguejar: um selenita.

Os trajes selenitas civis para turismo eram feitos para resistir à gravidade da Terra que machucava seus ossos frágeis. Armaduras fortes e robustas, mas nada comparadas ao modelo militar com blindagem maior usada por aquele caçador. Quase cinco centímetros de problemas.

Por sorte, os outros membros do grupo eram locais, usando proteções comuns. Contra inimigos tão numerosos quanto eles e preparados como o selenita, o único recurso de Bintu era a guerrilha. Aproveitando-se de suas capacidades furtivas, ela planejou ataques coordenados com seu leopardo: ela focando-se nos caçadores humanos enquanto ele abatia os drones.

Quando o primeiro dos caçadores caiu, em meio a gritos e pragas, o inferno despertou no meio da noite. Os homens locais, menos preparados para situações de estresse, começaram a disparar para todos os lados enquanto o selenita os mandava parar. A confusão ajudava porque despertava os animais e os colocava em fuga, evitando que seus inimigos os encontrassem.

A bagunça que seguiu-se ao primeiro morto favoreceu Bintu que nunca ficava parada mais do que alguns instantes. Apenas o suficiente para mirar e puxar o gatilho. A mesma coisa acontecia com seu leopardo bailando entre os drones inimigos em uma dança de aço e destruição. Estes responderam de imediato ao ataque espalhando-se e tentando encontrar a origem dos tiros. Pela quantidade deles, Bintu sabia que qualquer deslize revelaria sua posição. A própria quantidade daqueles drones jogava contra ela, sendo capazes de triangular sua posição caso ela não mantivesse-se sempre em movimento.

De um lado e do outro as balas cortavam o céu noturno como lanças de fogo. Aqueles riscos flamejantes passavam ao lado de Bintu, cantando sua morte, mas errando-a por pouco.

Até o momento em que não erraram.

O projétil a acertou no ombro.

— Droga!

O impacto foi brutal assim como a dor, mas não houve danos além do sistema de camuflagem. Mas aquilo custou sua única vantagem.

Um instante depois, uma matilha inteira lançava-se sobre Bintu. A patrulheira trocou um pente de munição por meia dúzia de cachorros e dois caçadores. Seu leopardo conseguiu eliminar outros enquanto fornecia a Bintu, em fuga, imagens de seus perseguidores.

Ela tinha a vantagem de saber para onde fugir, mas ainda não era o suficiente.

Mais escaramuças seguiram-se, o treinamento superior de Bintu provando seu valor conforme ela eliminava um inimigo após outro. Devagar, a luta ia se resumindo a ela contra o selenita e alguns poucos drones. Assim como poucos pentes de munição restantes em sua reserva.

Bintu não tinha a função de entrar em combate direto, mas de marcar alvos e auxiliar nas lutas. Por isso a armadura mais leve e pouca munição.

A patrulheira conferia o relógio em seu capacete, mas não conseguia lembrar quando havia enviado a mensagem. Apenas esperava que os reforços chegassem logo.

Visando ganhar tempo, Bintu lançou seu drone contra o selenita. O felino metálico acertou-o em cheio, derrubando-o. Mas logo o selenita acertou um golpe no leopardo, danificando uma câmera. Em seguida, os ecos de sua destruição chegaram até Bintu antes que o sinal caísse.

Uma onda de interferência a atingiu, fazendo-a perder o equilíbrio. Naqueles poucos segundos, alguns cachorros a alcançaram. Suas mandíbulas prenderam-se aos braços e pernas, imobilizando-a.

O selenita se aproximava, uma escopeta enorme em suas manoplas.

— Vou te ensinar a ficar no seu lugar — disse ele através dos alto-falantes.

Antes que ele disparasse, algo explodiu em seu peito, desequilibrando-o.

O chão tremeu e um drone rinoceronte atingiu o selenita em cheio. Três patrulheiras saltaram e correram na direção do inimigo caído enquanto uma quarta eliminou os drones que prendiam Bintu.

— Pelo menos aqui sou capaz de te ajudar mais, menina — disse a patrulheira estendendo sua manopla para Bintu.

— Bem, você sempre fez seu melhor, Umbkhombo 15 — disse Bintu, rindo.

Após um ano como recruta, Bintu voltou para casa. Quando fugiu havia deixado alguém importante para trás. Havia prometido que voltaria para reparar o erro.

— Você pode me chamar de mãe também — disse Dalji, ecoando o riso.

Bintu fez um gesto de “deixa disso” e apontou na direção do selenita.

— Vamos cuidar do prisioneiro.

Bintu e Dalji reuniram-se com as outras três Akashinga que imobilizaram o selenita.

— Faça as honras, Ingwe 23 — disse Dalji, apontando para o selenita.

— Em razão do armistício Terra-Luna, você está preso e será julgado pelas leis terrenas.

Com a armadura desativada, não ouviram resposta dele.

Nem era preciso. Caçar era crime inafiançável. Ele amargaria alguns anos de prisão por isso.

Tendo resolvido isto, as Akashinga permaneceram à espera do transporte enquanto a escuridão devagar dava lugar ao sol de um novo dia.



GUTENBERG LÖWE é escritor de literatura fantástica e estudante de Letras. Publicou vários contos em antologias físicas e digitais ao longo dos últimos anos. Atualmente dedica-se à escrita de seu romance de fantasia sombria *Terra de Sangue*.

Instagram: @gutenberg_lowe

LOJINHA DE CONVENIÊNCIA DA MORTE

Sandra de Castro

Passei hoje pela Lojinha de Conveniência da Morte do meu bairro, para comprar a minha. Ando sentindo dores inconvenientes e já ultrapasso os 80 anos. Segui as recomendações de alguns amigos e parentes e optei pelo campeão de vendas *Sonho Letal*. Consiste em duas cápsulas transparentes de um conteúdo colorido. Devem ser ingeridas pouco antes de deitar-se para sua derradeira noite de sono. Seus ativos agem de forma indolor e imperceptível ao nível consciente. Durante o sono REM, seu cérebro é induzido a criar uma narrativa de sua própria morte. Como num sonho normal, tendo como única diferença a inexistência do despertar. Indolor, simples e descomplicado. A indução é feita por você próprio, com palavras ou imagens que habitam seu mundo interno.

Dizem que vende muito porque oferece uma autonomia que outros produtos não ofertam, além da total higiene, já que preserva integralmente o ambiente em que o cliente decide passar sua última noite.

O caixa de apenas uma das unidades dessas lojinhas, ontem, registrou um recorde de vendas e possibilitou que nada menos de 102.535 pessoas garantissem o fim de suas vidas da maneira que mais lhes convinha.

Os métodos simplificadores da morte, dizem os especialistas, vem sendo comparados à pílula anticoncepcional por seu potencial de inovação. Pesquisas atestam a redução significativa na angústia humana, principalmente para aqueles que leem os encartes que acompanham os produtos até o fim. São bastante didáticos, especialmente quanto aos esclarecimentos de que não há - a despeito da propaganda contrária - quaisquer acertos de contas, novas terras a habitar, avaliações de entidades ou julgamentos, posteriores ao procedimento. O que tranquiliza muito os usuários.

É recomendável, no entanto, notificar algumas pessoas de sua decisão. As mais queridas. Assim, alguém se encarrega de acompanhar a equipe responsável pelas providências do dia seguinte – que também são claramente explicadas nas embalagens. Caso os amigos queiram celebrar o momento, diversos serviços extras são oferecidos nos encartes, que vão desde uma simples reserva de restaurantes até a organização total do evento.



SANDRA DE CASTRO nasceu em Curitiba, PR, mas adotou Brasília como sua cidade há quase 20 anos. Autora independente, publicou pela editora e-galaxia os livros *Entre o Frango e a Crônica*, em 2015, e *À Prosa do Desconforto – Contos de Desamor e Outros Escritos*, em 2017.

HORROR FILOSÓFICO

Ronaldo Ruiz Galdino

Ninguém vai acreditar no meu relato, mas tudo bem. Estou escrevendo porque a psicóloga do hospital disse que seria terapêutico, ciente de que não encontrarei palavras para contar o que aconteceu.

Contrariando meus pais, escolhi estudar filosofia. Queria encontrar o sentido da existência. Entretanto, a faculdade era fraca. Felizmente, gostei da biblioteca. Lá o vi pela primeira vez: um rapaz alto e sorridente.

Sob seu olhar, li os pensadores que falaram do sentido da vida. Muito instigante, mas nada conclusivo. Busquei religiões. As respostas eram muitas, deixando-me mais confuso. Fiquei maravilhado com as descobertas da ciência, mas senti que faltava algo.

Certo dia na biblioteca, o rapaz que sempre me observava surgiu ao meu lado.

— Precisa de ajuda?

— Você trabalha aqui?

— Não, mas conheço bem este lugar. Gosto do silêncio daqui para pensar.

— Eu também.

— Meu nome é Nicolas, quarto ano de filosofia.

Apertei sua mão. Era fria e úmida.

— Sou o Rodolfo. Filosofia também. Primeiro ano.

— Você é meu bicho? Vou pensar em um trote.

A gente riu.

Conversamos muito desde então. Certa vez, falei sobre a minha busca do sentido da vida.

— E se a vida não ter sentido? — perguntou ele. O ser humano é insignificante diante do universo.

— Você é existencialista? Nem precisa explicar. Já li tudo sobre isso.

— Nada disso. Vou te emprestar um livro diferente e entenderá o que disse.

No dia seguinte, ele me entregou um livro de capa de couro. Na folha de rosto estava escrito: *Necronomicon*, de Abdul Alhazared. A obra tinha o carimbo de uma universidade norte-americana chamada Miskatonic. O texto estava em inglês.

— Infelizmente, ninguém teve a ousadia de traduzi-lo para o português — explicou Nicolas.

Por causa do nome do autor, achei que era mais um livro sobre mistérios do Egito. Ao chegar em minha quitinete, comecei a ler. Foi a maior desgraça que fiz em minha vida.

Realmente, o livro era diferente. Falava de criaturas que estiveram na Terra milhares de anos antes dos homens, rituais hediondos e informações sobre a origem do universo.

Acabei dormindo tarde e tive vários pesadelos com aquelas criaturas.

Na noite seguinte, encontrei Nicolas na biblioteca. Falei que gostei do Necronomicon, com a ressalva de que eu não acreditava em nada daquilo.

— Deixe-me lhe mostrar uma coisa.

Ele colocou as mãos na minha cabeça e disse algumas palavras. Entrei em transe. Senti meu corpo flutuando. Vi nebulosas, estrelas, galáxias. Entre elas, um humanoide com cabeça de polvo e asas de dragão e outro com cabeça de peixe.

Quis gritar, mas não consegui.

De repente, voltei à biblioteca. Alguns minutos haviam passado, mas senti ter percorrido vários éons.

— Se quiser saber mais, vá até a minha casa amanhã à noite. Temos um grupo de estudos sobre o Necronomicon.

Ele me deu o endereço e saiu. Não consegui prestar atenção nas aulas. Via vultos. Ouvia sussurros. Fui à sala do Nicolas, para ele explicar o que estava acontecendo. Entretanto, não o encontrei. Todos os alunos disseram que não havia nenhum Nicolas naquela turma.

Li novamente o Necronomicon e tive mais uma noite de pesadelos. Passei o dia todo delirando.

Fui à casa do Nicolas como combinado. Ela ficava numa rua deserta. Suas paredes estavam rabiscadas com uma espécie de hieróglifo. Não havia vidros nas janelas, nem iluminação. A porta estava aberta e dela vinha uma música.

Na sala, havia várias velas sobre móveis e no chão. Entrei na cozinha e vi diversas pessoas ao redor de uma banda. As guitarras eram cruas e os vocais guturais pareciam sair de gargantas não humanas. O idioma era desconhecido, mas o público acompanhava a letra hipnotizado. Perguntei onde Nicolas estava, porém, ninguém disse nada.

De repente, a banda parou.

— Ele já está entre nós — disse o vocalista. Vamos receber nosso mestre.

Nicolas surgiu no meio da plateia. O público delirou. Não imaginava que ele era tão querido.

— Meus servos — disse Nicolas — vamos dar boas-vindas ao Rodolfo. Ergue a mão, Rodolfo, para o pessoal te conhecer.

Levantei a mão devagar. O público olhou para mim, dizendo palavras impronunciáveis.

— Sem mais delongas, vamos começar as demonstrações.

Nicolas abriu os braços e fechou os punhos. Contorceu o rosto, como se levantasse algo pesado. Uma cauda estourou a parte de cima da cabeça dele, espalhando miolos. Sua boca escancarou em um grito, enquanto os dedos de suas mãos viraram garras. As pernas se tornaram tentáculos. O público louvava Nicolas. Eu conhecia aquela figura do Necronomicon. Era Nyarlathotep.

Ele enrolou meu corpo em um tentáculo, como uma jiboia. Gritei, chorei e, curiosamente, gargalhei. Nyarlathotep me levou até sua bocarra, que fedia peixe podre. Outro tentáculo gosmento saiu dela e lambeu meu rosto.

Perdi os sentidos por causa da dor e do pânico

Lembro-me de acordar no pronto-socorro. Meus pais me visitaram e disseram que mendigos me encontraram inconsciente e ferido em uma casa abandonada. O hospital encontrou o telefone da minha família no meu celular.

— Você está usando drogas? — perguntou minha mãe.

— Claro que não!

— Então o que foi que aconteceu?

Contei toda a história. Meus pais se olharam. Tiveram certeza de que eu era drogado.

Mais tarde, Nicolas surgiu ao lado da minha cama com seu sorriso malicioso.

— Saia agora! — disse.

Mas ele permaneceu no mesmo lugar.

— Vou te matar, desgraçado. Nunca serei um dos seus.

Pulei da cama. Comecei a golpeá-lo com o cabide do soro, mas não o acertei. O tubo escapou da minha veia, derramando sangue. Os demais pacientes pediram ajuda. Os enfermeiros me seguraram e pediram calma, porque não havia ninguém ali. Imobilizado e ainda ofegante, olhei ao redor. Nicolas havia sumido.

Voltei a vê-lo na casa dos meus pais. Arremessei móveis e eletrodomésticos contra ele. Peguei todos os meus livros e os queimei no chão do quarto. Eles não faziam mais sentido.

Preocupados, meus pais me internaram neste hospital psiquiátrico. Continuei encontrando Nicolas e muitas vezes precisei ser sedado. Não parei de vê-lo, mas decidi ignorá-lo.

Observei a chuva que caia lá fora. Vi Nicolas ensopado no jardim sorrindo. Certamente, gostou do que escrevi.



RONALDO RUIZ GALDINO é escritor e jornalista. Teve contos selecionados para as antologias *Inominável* (Parágrafo Editora) e *O Último Grão de Areia* (Lura Editorial e Vivendo de Inventar). Escreve crônicas quinzenalmente para o jornal *Folha da Região* (Araçatuba, SP) e colabora com a revista literária online *Literomancia*.

TERREIRO DIGITAL

Xico Sete

Os sons dos atabaques ressoavam nas cabeças e corações dos presentes. Os tambores ditavam o ritmo da gira. Na atmosfera, o vermelho e o preto eram predominantes, fosse no congá, fosse nas vestimentas e luzes. Pés descalços ziguezagueavam no chão de terra batida, e batida era pelos muitos pés que por ali passavam e gingavam. Capas e saias rodadas desfilavam em meio a uma atmosfera impregnada com a fumaça de cigarros, charutos, essência de especiarias e pelas sonoras gargalhadas zombeteiras.

Um par de olhos fechados agora se abriam atentos ao terreiro, examinando e perscrutando além do espaço físico que o delimitava. Olhos estáticos, na soleira do portal que levava ao ambiente externo. Num breve relance, diriam que era um olhar perdido. Mas seria uma superficial impressão de um reles espectador desavisado.

No centro do terreiro, um par de auxiliares aguardavam em pose de mãos enquanto o cavalo era montado. Cabeça encurvada, o rosto estava oculto sob madeixas negras. Músculos das mãos se tremendo, contraindo. De súbito, como uma ventania, o corpo do cavalo se reclinava para trás e gira, da esquerda para a direita. Uma gargalhada ecoa por todo o salão, mãos à cintura e quadris para frente. Olhos fechados, sorriso faceiro e malicioso no rosto. Mesmo parado, o gingado permanece suavemente em seu tronco. A pomba-gira montou.

A figura que antes observava de costas à porta, agora se dirige em direção à pomba-gira. O olhar observador é substituído por um atento. A pomba-gira o relança de cima a baixo, com o sorriso ascendente de canto de boca.

– Boa noite! – A pomba-gira saúda o que se aproxima.

– Boa noite, pra quem é di boa noite... – Assim ela é respondida. – Cê deseja alguma bebida? – A pergunta é lançada de olhos nos olhos.

– A minha, por favor, um licor de anis. – Diz isso enquanto acende sua cigarrilha.

Em gestos precisos, um cálice de vidro fino é servido enquanto, fluidamente, a pomba-gira dança. Agora o olhar do consulente é de expectativa e suplicante. Ela inala a fumaça do cigarro e bafora no cálice. A fumaça decanta pesadamente no cálice e se mistura ao azul da bebida. Suavemente, a mão delicada gira o fluido azul na fumaça. Olhos femininos faceiros, fixos em olhos suplicantes, que agora se encaram. A pomba-gira liderou o diálogo:

– Bebe comigo?

O cálice passa suavemente de uma mão para a outra.

– Concentre-se no que veio pedir... e cuidado no que desejar – Alerta com delicadeza. Cartas de baralho lhes são entregues e devidamente embaralhadas. No chão, elas são dispostas. O consulente corta o baralho e se tem início a leitura. O olhar do consulente continuava fixo.

– É dura sua atual situação. – Rugas suaves surgiram em sua testa.

– O desemprego e o câncer não tão fácil – Olhos tristes marejavam – e o tratamento num tá sendo fácil”.

– Vejo seu olhar sem brilho, opaco... o olhar de quem sofreu dos efeitos da guerra – A pomba gira pontuou empaticamente, mostrando o ás de espadas.

– Acho que minhas prótese fotoculares ajudam a tirar esse brilho... ainda sinto dores di cabeça da adaptação...

– Cê sabe que vejo além disso... – Valete de espadas.

– Ainda sonho com os brilhos reluzentes das alumiadoras fotoiônicas do campo de batalha...Ainda dói... – Rugas se formavam no canto do olho frente à lembrança.

– Sua missão... – Pontuou a pomba-gira, identificando o problema, com o rei de copas.

– Sim, falhei duas vezes... primeiro, perco meus amigos de batalhão e agora volto à Terra, disajustado, disimpregado, inútil pra sustentá minha família.

– Mas está vivo. Por que tudo é uma missão? Veja como ciclos... – Quatro de copas.

– Se for assim, vejo o meu próximo do fim.

– Não diga isso, todos têm seus momentos. O seu ainda tá por vir. – Falou positivamente a pomba-gira. Ás de ouro no centro das cartas em cruz.

– Essa esperança é torturante, num fui bom soldado... num fui bom chefe de família... sou quase um inválido à beira da morte – Olhos marejados, mas sem lágrimas.

A pomba-gira estendeu seus braços. Peito com peito em um abraço. Um sobressalto:

– Era isso que precisava... Não era pra tá aqui... – O olhar do consulente se transformou.

– Você está exatamente aonde seu caminho o levou – A pomba-gira se afasta.

– Num sô eu... é cê qui num deveria tá aqui.

A pomba-gira lança um olhar incrédulo, mas tentando se camuflar com dissimulação.

– Sabe, num senti nada desde que tu veio em terra agora, pela primeira vez

– Disse agora os olhos do consulente, se tornando claros, astutos, apesar de biônicos – E sempre soube que esse era o problema – disse, traçando um círculo ao redor da pomba-gira. As entidades em terra abriram um círculo ao redor da cena. Os médiuns e assistentes agora se atentavam.

Em um passe de mão, um QR code é impresso no peito do avatar do médium, que começa a se desfazer em voxels, enquanto a figura da pomba-gira é empurrada para trás e se prende a um sigilo desenhado no chão, agora brilhante. A figura cibernética está paralisada.

– Uma IA de propaganda hackeando nosso terreiro... então não são *fake news*...
– Falou o pai de santo. Os tambores agora eram silenciosos. – Tão nos espionando.

– Sim. – Falou o exu – Ela não percebeu que eu era uma entidade em terra e que tinha inventado tudo. Essas coisas também num consegue lê as sincronicidades dentro da aleatoriedade do jogo das cartas. Estão nos usando pra fazer “consultas espirituais digitais” (como cês dizem) em troca de uns trocados de quem sofre. Mas eles num sabe... macumba tem mironga, é pessoal e universal... tem axé... tem identidade. Não dá pra copiar e vender isso.... não verdadeiramente.

A cena congela. Um grande triângulo de play aparece no meio.

Fim da gravação “Transmissão da Live Festa para Exu.mn”

Arquivo gravado em acesso remoto sob IP 176.777.54.321.

Todas as gravações e transmissões são protegidas por criptografia de ponta a ponta.

Deseja repetir gravação mnemônica?



XICO SETE é o pseudônimo de Arthur S. Brum, doutorando em paleontologia pelo Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Carioca e negro, é admirador e apreciador de ficção científica, encontrando nas horas vagas de cientista uma fenda temporal para escrever.

NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

Em outubro, lançamos o nosso podcast, o Território Cyberus, nas principais plataformas de áudio. Caso tenham alguma sugestão de assunto que vocês queiram conversar e/ou ouvir manda pra gente! Como sabem, estamos sempre correndo atrás de conteúdos novos.

Lançamos a **Associação Brasileira de Ficção Científica e Fantasia (ABFCF)**. Você pode conhecer a ABFCF *[clikando aqui](#)*.

Para os próximos meses, também iremos lançar algumas de nossas antologias através do financiamento coletivo. Todas as campanhas serão **tudo ou nada**, portanto, toda ajuda é bem-vinda.

Por último e não menos importante, estamos com uma assinatura recorrente no Catarse para nos ajudar a continuar com a *Revista Tricerata*. Tivemos o apoio do Fábio Silva Costa. Para quem não o conhece, ele possui vários projetos literários na ficção científica, um deles é o projeto chamado *Leviatan*, que são sete novelas “ambientadas em um futuro desestruturado da sociedade terrestre (o que seria um tanto diferente da noção de pós-apocalipse), tratam da reconstrução política e social da Terra”. A primeira história já está concluída e ele já iniciou a segunda! Fábio, nosso muito obrigado!

É isto. pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!